

MARÉ-VIVA

DIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 7 — PREÇO 3\$50 — 11/8/1976

(Avençado)

A institucionalização da Democracia

Com a tomada de posse do General Ramalho Eanes, perante a Assembleia da República, foi dado o primeiro passo para a institucionalização da democracia em Portugal.

A 23 de Julho tomou posse o primeiro Governo Constitucional, presidido pelo Dr. Mário Soares que, como o General Eanes, prometeu cumprir e defender a Constituição.

Dois actos da maior importância na vida política nacional. Duas personalidades de que depende, em larga medida, a instauração e a sobrevivência da democracia e a abertura dos caminhos para a sociedade socialista, nos expressos termos da Constituição.

Decorre presentemente na Assembleia da República a discussão do programa de Governo. Com a esperada aprovação deste estará lançada uma nova fase do processo português.

URBANISMO

o Particular e o Colectivo

Espinho é uma cidade cujo rápido crescimento nos últimos anos tem trazido, ao lado de aspectos positivos, problemas em vários campos, alguns dos quais já referidos em «Maré Viva» (M. V.).

Hoje iniciamos a publicação de uma longa entrevista que nos foi concedida pelo arquitecto urbanista da Câmara Municipal de Espinho, Marques Aguiar (M. A.) e na qual esteve presente o chefe da Repartição Técnica, eng.º Pinto Correia (P.C.). É nessa Repartição que os problemas do urbanismo são estudados e se procuram as soluções mais capazes.

Falar de urbanismo em Espinho é ouvir questões sobre a imagem arquitectónica da cidade e desejar saber porque não aparecem mais prédios com mais andares. Mas, muito mais importante do que estas dúvidas comuns, será repensar a orientação geral quando se acredita que o urbanismo, o ordenamento territorial, o direito à cidade, deveriam ser pensados em termos daqueles que vemos serem constantemente marginalizados nestas e noutras questões.

Pensar uma cidade é imaginá-la de maneira a corresponder às necessidades dos que nela habitam. Uma cidade é um modo de vida, é um dos espelhos em que a nossa imagem de seres vivos é reflectida a cada instante, mais, é uma situação em que a nossa condição de humanos se vê fortemente condicionada.

Há quem interroge, quem critique (há quem perca a calma e vocifere), quem dê sugestões para acudir a males reais ou imaginários. Nós, para já, preferimos ouvir simplesmente. E reflectir depois, com os nossos leitores, se possível, no que ouvimos. As nossas intenções são pois as de revelar um aspecto da Cidade que permanece ignorado por muitos mas que nos diz respeito a todos. Habitar é, além do mais, coabitar. Viver é conviver. E viver numa Cidade que pretendemos cada vez mais nossa obriga-nos a repensá-la constantemente.

PÁGINA CENTRAL

MARÉ-RUA

SEMÁFOROS

(página 3)

a outra face da cidade



Espinho, uma cidade com múltiplos aspectos, contraditórios, por vezes agressivos. Um secção que, através da imagem e do texto, apresentará aos leitores perspectivas diferentes das que a que estamos habi-

tuados. Imagens todas elas comuns, parcelas dum somatório que constitui a cidade que habitamos.

Esta semana, na Rua 5 «a outra face da cidade».

O contraste, a agressividade dum panorama diferente dos postais ilustrados, com fachadas de piscinas, casinos, avenida guarnecida de cafés e sofisticados rostos. Um panorama pouco sugestivo, fraco indicador das atracções turísticas necessárias à promoção da cidade, um incómodo exemplo da outra face da medalha. Nem palmeiras, nem mar, nem «bikinis», nem máquinas das patacas. Simplesmente, um campo de milho e um minúsculo aglomerado de casas.

Uma multidão acorre às proclamadas delícias das nossas praias, forma-se uma bicha junto à bilheteira do cinema para admirar as curvas de mais uma vedeta «escandalosamente» despida, as mesas dos cafés povoam-se de gargantas sequiosas, de irremediáveis sedentárias, de inconfundíveis tagarelas. Sorrisos publicitários por detrás dum balcão, desejando a venda do produto, mas entrelaçando-se, prédios de vários andares, gigantes de cimento, algumas vivendas senhoriais, viaturas vomitando

fumo, aspectos a que já nos habituamos nesta nossa cidade («à beira-mar plantada»).

Mas agora um campo de milho e algumas famílias em abafados cubículos, é de força, difícil de encaixar num panorama tão cuidadosamente construído. Porque será concebível um campo de milho atrevidamente colocado no mesmo plano dum Casino ou dum prédio de 7 andares? Será admissível tal fenómeno? Questões como estas poderão surgir nas conturbadas mentes de muitos. Este campo de milho poderá arriscar-se até a ser acusado de subversivo, de alta ofensa aos pergaminhos do nosso ilustre burgo.

Mas uma coisa é o cartaz turístico outra a cidade com as suas múltiplas e contraditórias faces. Aspectos formalmente opostos nas peças comuns duma mesma realidade.

Espinho com prédios e «ilhas», praia e campos de milho ou as múltiplas faces duma cidade.

NO TI CI AS

25.000 METROS QUADRADOS DE ESPERANÇA

Anos atrás era a Escola Técnica que não dispunha de instalações capazes. Desde 1964 está o problema resolvido com a nova Escola então construída. Depois foi o Liceu, que durante longo tempo «sobreviveu» em condições mais que deficientes. E essas condições deficientes foram herdadas pelo Ciclo Preparatório actual.

Mas parece que também esta Escola, que regista um alto índice de frequência, verá a sua situação quanto a instalações substancialmente alterada no futuro. De facto, a Direcção-Geral da Administração Escolar informou a Câ-

ESTRADA 109 — VARIANTE

No intuito louvável de manter a população informada sobre o andamento dos principais problemas da municipalidade a Comissão Administrativa da C. M. E. cedeu-nos cópia de um ofício procedente da JAE, que transcrevemos na íntegra:

1. Na sequência das diligências antecedentes, com vista à concretização da variante à E.N. 109, em referência, permito-me levar ao conhecimento de V. Exa. que a 1.ª etapa do necessário projecto — o ESTUDO PRÉVIO — foi oportunamente submetido a parecer da Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, dadas as implicações dos traçados com a estrutura urbana de Espinho.

2. A resposta daquela Direcção-Geral, foi recebida nesta Junta em 31. Dezembro. 75, acompanhada dos pareceres dos municípios interessados — Espinho e Vila Nova de Gaia.

3. De posse desse indispensável parecer

O HOSPITAL JÁ TEM COMISSÃO INSTALADORA

Reuniu no passado dia 30 de Julho, sexta-feira, um plenário dos trabalhadores da Saúde de Espinho durante o qual foram eleitos os elementos que faltavam para completar o elenco da Comissão Instaladora. Esta Comissão vai ter a seu cargo a administração do Hospital, do Centro de Saúde e do Dispensário local do SLAT, conforme despacho da Secretaria de Estado da Saúde datado de Dezembro de 1975.

Com estas eleições, fica completado um processo que atitudes irresponsáveis muito fizeram para impedir que se completasse. Essas mesmas atitudes chegaram a fazer perigar a segurança dos trabalhadores do Hospital o que é muito mais de lamentar.

Assim, com três meses de atraso e todos os prejuízos que isso pode ter acarretado, a Comissão Instaladora ficou constituída por:

Presidente — Dr. António José Miranda Valente, Delegado de Saúde;

Representante do Pessoal Técnico — Maria José Pinto Gaioso Vaz, enfermeira com o Curso Geral, do Hospital de Espinho;

Representante do Pessoal Administrativo — Maria de Lurdes Santos Alves de Sá, 1.º oficial da Secretaria do Hospital de Espinho;

Representante do Pessoal Auxiliar — Maria Ascensão dos Santos Leite, empregada auxiliar do Serviço de Raios X;

Representantes dos Utentes — Fernando Manuel de Jesus Alves, de Silvalde.

Aos novos gestores do Hospital de Espinho desejamos que as circunstâncias lhes permitam um bom desempenho das suas funções.

Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

CARAGENS: ABEL — SOUSA
— S. PEDRO

FESTAS DE VERÃO

Da Comissão de Festas de Espinho recebemos o programa de realizações para o mês de Agosto que passamos a divulgar:

dia 21 — Concurso de Fato de Banho 1900

dia 23 — Festival Internacional de Folclore

dia 28 — Concurso do Vestido de Chita

A juntar a isto temos exposições de fotografia e filumenismo, jornadas de divulgação e sensibilização de xadrez, torneios de xadrez e tiro aos pratos, espectáculos populares de variedades, touradas, etc. Em resumo, um programa vasto, associando algumas realizações a que a população veraneante já se habituou, com outras destinadas a diferentes camadas e gosto da população, e deixando de lado realizações caras que só a élites endinheiradas satisfaziam.

12 NOVOS TÁXIS

12 novos táxis, é o total previsto pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres para a actualização das praças do concelho de Espinho. Esses 12 táxis serão assim distribuídos: 2 em Anta, 2 em Silvalde, 1 em Paramos e 7 em Espinho. Algumas das vagas agora abertas foram atribuídas a industriais das ex-colónias, as restantes, num total de 8, estão ainda por atribuir, pois ainda se não realizou a respectivo concurso, faltando mesmo saber se virão a ser todas preenchidas. Para já, uma reunião efectuada na Câmara Municipal, com a presença de representantes do Sindicato e da Antral, não permitiu tirar-se uma conclusão, pelo que se fará nova reunião para se poder estudar melhor o assunto.

A PROPÓSITO DE GRALHAS

A gralha é a praga dos jornais. A gralha tem muitas caras: letras trocadas, linhas truncadas, palavras mudadas, truncadas, linhas desalinhas e, por vezes, bem pior. Pode nascer na tipografia ou na redacção, nas mãos do compositor ou do dactilógrafo. Escapa-se ao revisor, ao redactor e, quem sabe, ao leitor.

Tudo isto para dizer que o último número do «Maré Viva» teve uma gralhite aguda, duma agudesa de que não há memória. Muita coisa sem importância e coisas de alguma importância. Entre estas, podia ler-se na página do trabalho, artigo sobre a Greve dos Papeleiros, referência à acção da G.N.R. em Paços de Brandão, (entretanto saciada) em vez de (entretanto retirada).

Desta e de todas as outras, apresentamos as nossas desculpas.

ANTA

SÁBADO CULTURAL

O Grupo Dinamizador da Juventude, com o apoio da FAOJ; GIC; Clube dos Magos e a Secção da Criança da AAE, realiza no próximo dia 14 de Agosto um Sábado Cultural na Escola do Souto de Anta.

Foi elaborado um convidativo programa, com duas partes distintas. Uma à tarde, com início às 15 horas, em que haverá Festa Infantil, Teatro de Fantoches, Pintura e Modelagem, Provas Desportivas e Lanche. Depois à noite, a partir das 21 horas com Canto Livre e a finalizar actuará o conjunto «Mackena».

Portanto será um dia de convívio para a juventude.

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251
Telef. 921621

ESPINHO

Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso - Antero Monteiro - António Capelo - António Letra - António Santos - Augusto Mota - Dário Capela - Ema Letra - Fausto Neves - Jorge Catarino - Laura Gaio - Manuel Loureiro - Manuela Freitas - Morais Gaio - Nuno Barbosa

Colaboração especial:

Albertino Pinheiro - Marçal Duarte - Tibério Coelho

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Nun'Álvares — Porto

Farmácias

QUARTA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

QUINTA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

SEXTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

SÁBADO — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

DOMINGO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

SEGUNDA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

TERÇA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas das melhores regiões

JÚLIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça)
ESPINHO

Vende-se

Automóvel OPEL 1900/L

130 mil km. — 1.º mão

Rua 7 n.º 497 — ESPINHO

S. Paio de Oleiros

TRABALHO

Aqui, S. Paio de Oleiros! 1976! Dois anos de Revolução! No entanto:

— é esfaqueado um elemento da Comissão de Trabalhadores duma unidade industrial desta freguesia;

— estão impedidos de cantar determinadas canções os trabalhadores duma outra firma local;

— nesta, é também proibido utilizar os quartos de banho a partir de determinadas horas;

— numa outra e para o mesmo efeito, têm os trabalhadores de pedir licença ao patrão, como se fazia na escola para «ir lá fora».

1976! Dois anos de Revolução!...

MELHORAMENTOS

Razão tiveram os moradores dos lugares do Pego e do Candal para festejarem com vinho, sardinhas e

música a beneficiação das suas vias de acesso, vitória popular a que não foi alheio, contudo, o esforço da Comissão Administrativa da Freguesia.

O lugar das Pedras, no entanto, gostaria de festejar de igual modo a construção do coberto para o seu lavadouro público.

Que pena não haver mais senhoras nas altas esferas!

MORTE ÀS GRALHAS!

Na última corespondência e sob a epígrafe «Correio da Feira», uma palavra e uma vírgula a mais transtornaram o sentido do segundo parágrafo. Assim, deveria eliminar-se a palavra «usando» e ler-se muito simplesmente, conforme o original: «até da calúnia tem lançado mão para que...»

Desculpe lá, caro leitor!

MARÉ - RUA

Verde, amarelo ou vermelho?

Os semáforos começaram finalmente a funcionar. Como balanço destes primeiros dias «a cores», notou-se alguma confusão, muita «desatenção» (?) e... alguns acidentes!

Mas como nunca tivemos pretensões de arranjarmos explicação à secretária para factos do dia-a-dia, preferimos ouvir o público interessado, neste caso automobilistas, motociclistas e peões. As conclusões tirá-las-á o leitor e se desejar poderá acrescentar a sua opinião, para a qual estaremos sempre abertos.

No local dos semáforos, colhemos várias impressões que nos pareceram curiosas.

Enquanto esperava pelo sinal verde, o Constantino Moreira, montando a sua motorizada foi-nos declarando:

«Acho muito bem os semáforos. É um excelente meio de evitar o policia-sinaleiro, assim como acidentes».

A primeira vista, portanto, tudo O. K. Mas será mesmo assim?

«Pois isto é muito lindo, mas há que respeitar os sinais rigorosamente. Já houve vários acidentes por manifesta ignorância das pessoas. Eu próprio evitei há dias um acidente com uma motorizada que passou com o «vermelho»...»

Além do problema aqui levantado pelo sr. Valdemar Pereira, ainda há outros:

«Se não se respeitam os sinais, podem-se dar acidentes perigosíssimos...» — comentava o sr. Bigail — «e além disso, os semáforos não resultam nos dias de extremo movimento, como às segundas-feiras, por exemplo, em que se dá uma enorme acumulação de trânsito».

É realmente um problema que está, cremos, resolvido pela C. M. E. com a utilização de polícias de trânsito às segundas-feiras.

Enquanto procurávamos mais depoimentos, fomos «deitando o olho», ao movimento das pessoas e muito especialmente à obediência aos sinais. E este capítulo desiludiu-nos: ainda muito boa gente fazia gincana por entre os carros que passavam com velocidade e com sinal vermelho (claro!) para os peões.

Alguns condutores também «falhavam» neste capítulo, ou por falta de hábito, de atenção, ou qualquer outro motivo. Chegamos a ver mesmo uma camioneta de passageiros a passar o cruzamento com sinal vermelho, obrigando alguns automóveis a travar!

Alguns peões foram ouvidos depois de terem passado com o sinal vermelho. Quase todos tinham a mesma desculpa para o terem feito:

«Bem, foi para ser mais rápido! Não havia trânsito... Mas acho muito bem os semáforos. Como peão creio ser a maneira de andarmos mais seguros» — disse-nos o António Rocha.

Mas dos peões, dois casos registamos que nos pareceram muito representativos:

O sr. António Videira, pessoa de aspecto modesto, com o sinal verde para os

peões, atravessa com extremos cuidados a primeira faixa de rodagem e pára ante a segunda, hesitando em passar em frente de sete ou oito carros que se encontravam parados, à espera que o «vermelho» findasse. Por fim, obedecendo a apelos e informações de outros peões, de alguns automobilistas que se encontravam à espera do «verde» e de nós próprios, que não nos contivemos, lá atravessou, olhando para a direita e para a esquerda, arrastando atrás de si dois cestos e um «valente» garrafão.

«Estava com medo dos carros... Estes sinais? Não percebo nada...»



S. Ex.º o semáforo

O segundo caso, foi totalmente oposto: O Rui Manuel Silva, de 11 anos, esperou atentamente no passeio pelo sinal verde, apesar do mau exemplo de alguns jovens mais velhos que ao seu lado em zigue-zagues e correrias atravessavam a avenida 24, e só o fez realmente quando o «verde» surgiu.

«Claro que só se deve passar com o «verde!» Eu já sabia isto do Porto, onde também há uns semáforos, e foi o meu pai que me ensinou isso...»

Para a D. Violante Guedes é «a falta de hábito e de atenção» a responsável por acidentes que se possam vir a dar.

Ouvimos um motorista de carro de praça, opinião de peso:

«Não existem dúvidas que os semáforos vêm resolver os problemas dos cruzamen-

Nogueira da Regedoura

Transportes — Precisa-se

Falar em transportes, em Nogueira, é falar da intensa ligação que une os nogueirenses a Espinho. Isto podemos concluir de um Inquérito relâmpago aqui realizado.

Espinho é o grande Centro Comercial onde Nogueira se abastece de tudo o que é necessário: víveres, roupa, feragens, artigos de papelaria, etc... É também, no Verão e no Inverno, o ponto de encontro dos jovens e adultos da freguesia. Particularmente nos fins-de-semana, deslocam-se a Espinho centenas de nogueirenses que vão ao cinema, ao futebol, a outros locais de diversão ou, simplesmente ao café. Em resumo, para se divertir, para passear, para trabalhar ou para estudar, o nogueirense escolhe Espinho.

Para uma tão grande interligação, os transportes de que actualmente dispõe, não satisfazem o nogueirense.

De manhã, tirando as segundas-feiras, há um vazio de mais de três horas entre a camioneta das nove e um quarto e a da meia-hora. De tarde, terá de esperar até às cinco quem não puder seguir na camioneta das três menos um quarto. A última camioneta passa cerca das 19 horas.

Em sentido contrário a coisa não melhora. Parte de Espinho uma camioneta por volta da uma e meia e depois, só a partir das quatro volta a haver transporte. Os mais atrasados poderão apanhar o último carro às sete e meia, se for Inverno, ou às oito, no Verão.

Por isto mesmo é aspiração de Nogueira que alguma coisa se faça neste campo.

De imediato, se possível, a empresa concessionária deveria poder descer com as camionetas até mais próximo da praia de Espinho. Isto seria um grande benefício para centenas de pessoas — nem só de Nogueira — que se vêm obrigadas a percorrer perto de um quilómetro arrastando crianças, tendas, cestos, etc. Bom seria também que a camioneta que, ao sábado e ao domingo, sai de Espinho à meia-noite, fizesse esse serviço todos os dias da semana e não só de Verão como agora acontece. Na realidade, a falta de transportes impede muitos nogueirenses, especialmente raparigas, de fazer os seus estudos nocturnos.

A longo prazo, é necessário pensar em alargar a rede de transportes urbanos que venha a servir Espinho, até ao Picoto. Só então deixará de estar atrofiada uma tão importante ligação (5 km.) entre esta terra e o centro de que ela se serve em todos os aspectos.

Nota: A aspiração dos nossos amigos nogueirenses, que é também a das populações de uma vastíssima região com contornos difíceis de definir, de ver os transportes que chegam a esta cidade mais perto da praia, põe difíceis problemas de trânsito, não o ignoramos. No entanto sugerimos daqui um trajecto em que esses problemas não seriam tão graves. As camionetas poderiam percorrer a Avenida 24 até à Rua 62 e depois descer a 7 até à Rua 16 onde cortariam à direita levando depois os seus passageiros até ao Rio Largo onde os deixariam a poucos metros das novas praias.

Mulheres do Rio Largo apresentam problemas e pedem soluções

O desassoreamento que nestes últimos anos tem vindo a verificar-se nas praias do centro de Espinho motivou a deslocação, para o norte da cidade, da maioria dos veraneantes que aqui vêm passar as suas férias ou que, por recomendação médica, procuram no mar e no sol um lenitivo e reserva de saúde para mais um ano de trabalho.

As famílias que, para alugar casa para a época, se encaminham para os lados do Rio Largo, fulcro da zona agora mais procurada, encontram as ruas em péssimo estado e casas sem saneamento, como acontece particularmente nas habitações que se localizam a norte do rio.

A Rua 66 (entre outras) apresenta-se em estado lastimoso, sendo poucos os carros que por ela transitam. Uma ambulância ou qualquer outra viatura de socorro que tivesse de acorrer a esta artéria após as primeiras chuvas do próximo Inverno não teria, certamente, possibilidades de cumprir a sua missão.

A falta de saneamento da zona a norte do rio obriga a que muitas das fossas sejam para ele despejadas, tra-

balho, além do mais, violento e feito por mulheres, com os consequentes perigos que a poluição das águas representa para a saúde da população da área, onde abundam as crianças. As águas do rio, assim poluídas e onde as mulheres lavam (?) a roupa, seguem livremente, qual regato pestilento, através da praia.

Outro problema que preocupa vivamente a população da zona é a falta de uma escola, facto que obriga as crianças a percorrer longas distâncias (para a Feira ou Tourada), com bom ou mau tempo e os riscos decorrentes de atravessar ruas com muito trânsito.

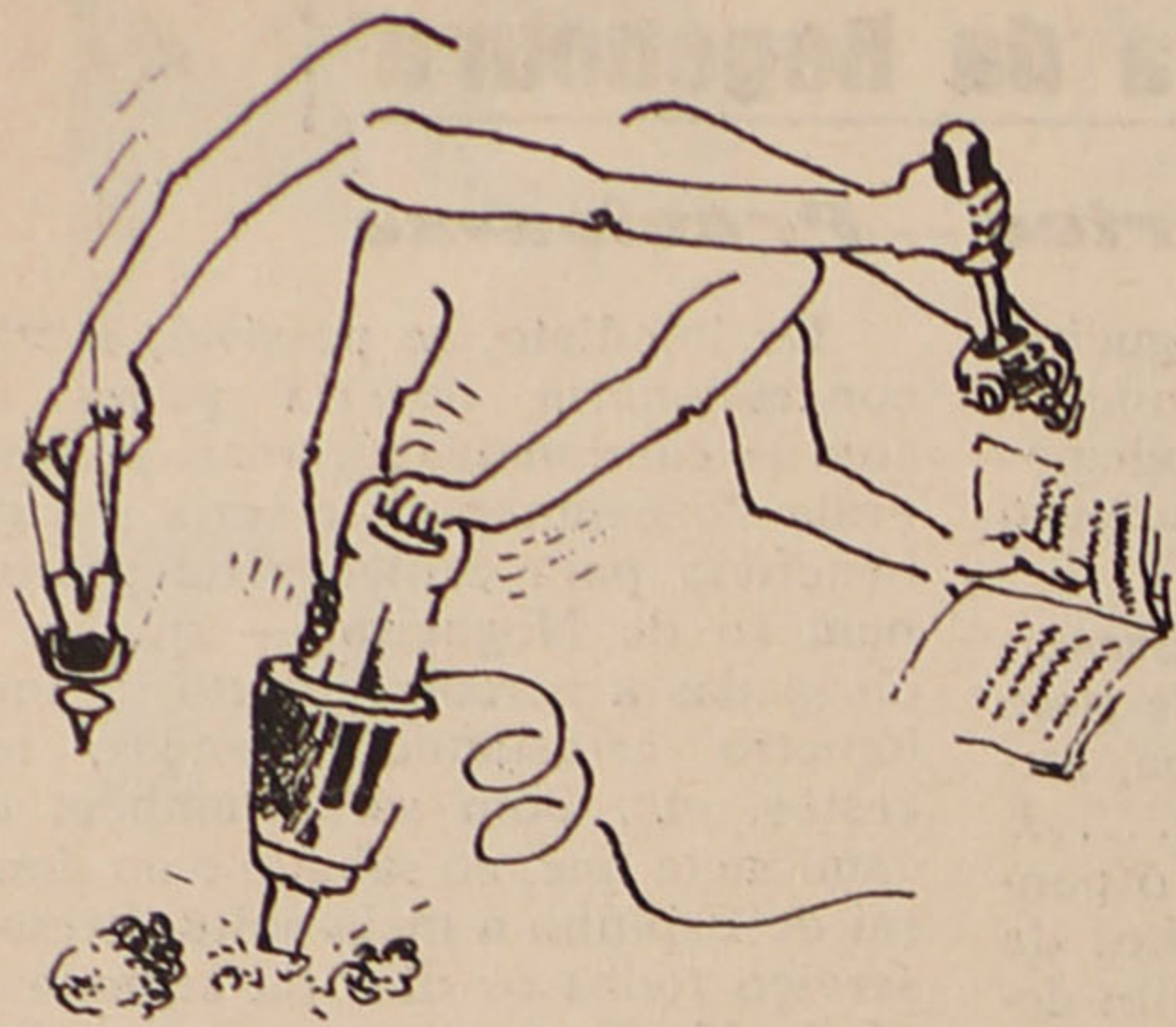
O ajardinamento do largo é outra carência por demais conhecida. Forças se moveram para que a iniciativa popular, que se propusera levar por diante a sua transformação em parque infantil, não fosse além do projecto. As mulheres do Rio Largo mantêm o desejo de ver os seus filhos brincar em recinto apropriado, em vez de expostos à circulação de camionetas e automóveis, de condutores nem sempre prudentes.

Às entidades competentes se pedem as necessárias providências.

blema. E ainda bem, porque não podemos dizer o mesmo de Aveiro: os semáforos foram mal sucedidos por terem sido mal aplicados...»

Verde — arrancou! Pena, pois cremos que o sr. Sousa, que se estava a mostrar um bom conversador, ainda nos tinha muito que contar...

E ficamos por aqui!



TRABALHO

Moselos: No «Mangas» já se trabalha

Os trabalhadores madeireiros da fábrica de serração António Pereira de Oliveira regressaram ao trabalho, após 15 dias de paralisação.

O conflito iniciara-se, conforme notícia que demos no último número de «Maré Viva», devido à tentativa de despedimento de 5 trabalhadores do mato que estavam a ser lesados por falta de pagamento das ajudas de custo a que tinham direito. Depois, complicara-se devido às sucessivas recusas do patrão, a comparecer às reuniões conciliatórias convocadas para a Delegação do M. T. em Aveiro.

Na passada terça-feira, os delegados sindicais, face à negligência do sr. An-

tónio, resolveram tomar a iniciativa de tentar negociações directas. Destas viria a resultar, no dia seguinte, já na presença de um delegado do M. T., um acordo que levou os trabalhadores a retomar o trabalho.

O referido acordo assenta num pequeno aumento salarial — 200\$00 mensais — a todos os trabalhadores, no pagamento das ajudas de custo devidas aos homens do mato e, como é óbvio, na anulação dos despedimentos tentados. Também ficou acordado que em próximas situações do mesmo tipo, o patrão reconhecerá o papel dos delegados sindicais e procurará não os impedir de cumprirem a sua missão.

Lourosa: Central P. Corticeira Afinal havia dinheiro

Depois da paralisação que noticiamos no último número, a situação melhorou bastante na Central Produtora Corticeira. Efectivamente sempre apareceu o dinheiro necessário para pagar aos operários o salário do mês de Julho e metade de Agosto — mês de férias. Assim o pessoal partiu mais sossegado para o merecido descanso.

No entanto, a situação nas empresas corticeiras não é a melhor. Na

quase totalidade das fábricas foi alegada falta de dinheiro para o pagamento do subsídio de férias. Se isso parece ser verdade em muitas pequenas empresas — e é — é possível que outras empresas estejam simplesmente a aproveitar-se da situação. Perante isto, os organismos dos trabalhadores nada podem fazer pois não existe apoio técnico da parte do M.T. para que as reais possibilidades das empresas sejam avaliadas.

Os trabalhadores e a Constituição

No número anterior tínhamos transcrito alguns artigos da Constituição, por considerarmos que, numa época em que todos dizem que querem cumprir a Constituição, é particularmente importante a atenção dos trabalhadores, pois muitos dos que agora dizem querer cumprir e defender a Constituição, tudo fizeram anteriormente, para que ela fosse bem diferente. Terão mudado de um dia para o outro?

A Constituição foi elaborada graças à participação das forças Progressistas e Patrióticas do nosso País e é acima de tudo uma conquista do Povo que urge defender. Sabemos que os Partidos de Direita muito se lhe opuseram. Um deles, como sabemos, votou contra a sua totalidade; outro votou contra aquilo que ela tem de mais progressista.

Porque o nosso espaço é pouco, focaremos apenas em pormenor o 1.º artigo que, como estamos recordados, diz:

«Portugal é uma República Soberana, baseada na dignidade da Pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes.»

Como já dissemos, um Partido votou contra toda a Constituição e outro votou, entre outros, contra este artigo. Porquê? Porque não acham bem que Portugal seja soberano baseado na dignidade humana e na vontade popular? Ou porque se diz que está empenhado na sua trans-

formação numa sociedade sem classes? E por isto que queremos deixar o nosso alerta!

A Constituição diz:

— Que as leis deverão assegurar a transição para o Socialismo e o exercício Democrático do poder pelas classes trabalhadoras.

— Que todos os cidadãos são iguais perante a Lei.

— Que todos têm o direito a resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos, liberdades e garantias.

— Que a integridade moral e física dos cidadãos é inviolável.

— Que o domicílio e o sigilo da correspondência e dos outros meios de comunicação privada são invioláveis.

— Que ninguém pode entrar durante a noite no domicílio de qualquer pessoa sem o seu consentimento.

Todos sabemos como os esbirros do fascismo calcavam estes Direitos, agora consagrados na nossa Constituição, e quantos patriotas eram arrancados pela calada da noite de suas casas pelos Pides. É por isso que dizemos que exigir o cumprimento da Constituição é exigir uma Sociedade mais justa!

Mas a Constituição tem muitos mais pontos que devemos defender:

— A liberdade de expressão: a todos é dado o direito de se exprimirem e divulgar livremente o seu pensamento pela

Marinha: Na Pereira Alves

«Lock-out» com as portas abertas

Fábrica de Tapetes Pereira Alves no Lugar da Marinha. Oito trabalhadores e três patrões. Há muito que se previam problemas. No passado dia 30 a questão abriu-se, a fábrica caiu em situação difícil de definir.

Nesse dia, o sr. Pereira Alves convocou um dirigente do Sindicato para uma reunião onde lhe comunicou que iria parar a fábrica, pois não tinha que dar a fazer aos operários. Adiantou mesmo que os operários poderiam procurar aproveitar as «vantagens» do Fundo do Desemprego.

Os trabalhadores, como é óbvio, não aceitaram, mas, compreendendo as eventuais dificuldades dos sr.s Pereira Alves, irmão e filho, contrapropuseram ficar a receber apenas 4 dias na semana, coisa que estes, por sua vez, não aceitaram.

Posto isto, os patrões retiraram-se, deixando as portas da fábrica abertas, e os trabalhadores permanecem ali, na defesa do seu ganha-pão.

Nesta situação os foi encontrar «Maré Viva» que, ao perguntar: «Que se passa?» — recebeu de imediato a resposta:

— Passa-se que queremos trabalhar!

Depois, foi-nos explicado tudo o resto.

O motivo alegado pelo patrão para fechar a fábrica é a falta da principal matéria-prima nela utilizada — caíro — que é uma fibra importada da Índia cuja cor castanha-escura é característica nos tapetes. Este argumento, segundo os trabalhadores, é pouco válido pois a fábrica pode laborar com outro tipo de fibras: o sisal e ráfia. Com sisal, fabrica-se um capacho — tipo caíro — que apresenta características semelhantes aos fabricados com caíro, exceptuando a cor que é mais clara.

Contra isto, os patrões não arranjam resposta que satisfaça: ora dizem que não têm encomendas para «tipo caíro», ora dizem que não arranjam fio de sisal para laborar.

FOTOCÓPIAS

RANK XEROX

J. OLIVEIRA

Rua 19 n.º 401.1.º — Telef. 920093

NA «VIGOROSA» trabalha-se e recebe-se melhor

Muitos leitores se nos têm dirigido, preocupados com a situação na fábrica «Vigorosa» onde, no passado dia 1, caducou a credencial que permitiu aos trabalhadores pôr em funcionamento a empresa que o antigo patrão abandonara.

Segundo informação que obtivemos no local, a fábrica mantém-se a laborar em bom ritmo e a disposição dos trabalhadores é ótima, tanto mais que já foi possível, ao fim de um mês de trabalho, pagar a todos, os salários previstos na Portaria que o sr. Domingos nunca cumpriu. Também existem condições para o regresso ao trabalho de 9 trabalhadores — 4 do escritório — que se têm mantido afastados.

No dia de saída deste «Maré Viva», tudo o indica, os trabalhadores estarão já munidos da nova credencial que lhes permitirá manter a esforçada luta que desde há meses vêm travando com tenacidade de quem defende um direito fundamental: o direito ao trabalho.

palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio.

— A liberdade de imprensa.

— A liberdade de consciência, religião e culto: ninguém pode ser perseguido, privado de direitos ou isento de obrigações ou deveres cívicos por causa das suas convicções ou pela prática religiosa. As igrejas e comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções de culto.

— A liberdade de criação cultural.

— O direito de reunião e de manifestação.

— A liberdade de Associação.

— A apropriação colectiva dos principais meios de produção.

— O direito ao trabalho e a obrigação de o Estado garantir esse trabalho.

— A proibição dos despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos.

— O direito dos trabalhadores criarem comissões de trabalhadores; de exigirem todas as informações; de exercerem o controlo da gestão; de intervirem na reorganização das unidades produtivas; de participarem na elaboração da legislação do trabalho e dos planos económico-sociais que contemplem o respectivo sector.

Por agora terminamos, mas prometemos continuar a falar da Constituição.

Leia-se a Constituição! Discuta-se nas empresas! Exija-se a sua aplicação.

URBANISMO o particular e o colectivo

MA — Espinho é uma cidade do Sec. XIX, cujo impulso principal foi o Caminho de Ferro. Nela não se nota um cunho histórico especial. A cidade nasceu com um esquema urbanístico simplista, com artérias perpendiculares umas às outras por uma questão de simplicidade de traçado, mas um traçado com sentido apenas no arranque inicial das ruas, porque o seu fim muitas vezes não se sabia onde seria, ignora-se para onde iam. Vê-se ainda hoje, no norte de Espinho, uma série de arruamentos de que não se sabe o futuro. Quando se fez o plano urbanístico da cidade, houve a preocupação de cercir toda essa malha. Por exemplo, a nascente houve a preocupação de pensar em termos de fazer a relação com a auto-estrada, que na altura já se previa, e houve também a necessidade de, a sul, rematar todos os topos da fábrica Brandão Gomes até ao Bairro Piscatório.

O PLANO DIRECTOR

MV — Insistindo um pouco mais no plano director da urbanização, quais são as linhas condutoras que o sustentam?

MA — As normas estruturais do plano de urbanização de 1973 foram principalmente: tentar estruturar globalmente a cidade; procurar, tanto quanto possível, ajustar o existente ao futuro, quer dizer, nós não podemos arrasar a cidade que temos e construir uma ideal. O que é possível é tentar fazer nas partes novas uma urbanização mais moderna, e manter o equilíbrio com a zona mais antiga. Por outro lado, houve o cuidado de definir zonas de expansão e, paralelamente a estas, as zonas de reserva, espaços verdes, para manter um certo equilíbrio ecológico. Neste aspecto, pensamos especialmente nas margens das linhas de água, das ribeiras, que deviam ser zonas a manter limpas, sem poluição. Estes são os pontos fundamentais do plano de 1973.

Outro problema com que se entrou em linha de conta foi o do equipamento social, comercial, etc. Fizeram-se cálculos globais para as zonas entre a beira-mar e o Caminho de Ferro e entre o C. de F. actual e sua futura variante, junto à Feira, definindo-se populações existentes, populações fu-

turas prováveis e o equipamento que seria necessário, desde a creche e a escola primária ao equipamento comercial. Mas assegurar estas coisas é extremamente difícil, porque há pressões de toda a ordem: se se prevê uma zona de equipamento, as pessoas dizem que ali não é preciso esse equipamento, mas sim um prédio para eles, porque o terreno é deles. Quer dizer, nós temos toda a ordem de combates diários. Os serviços técnicos precisam de apoio da administração, porque se esse apoio oscila uma vez ou outra é extremamente difícil, porque o gabinete técnico não tem poder de decisão, é a Câmara que decide.

INTERESSE COLECTIVO OU PARTICULAR?

MV — Esses «combates» que refere parecem apontar para a necessidade de uma opção muito nítida nas posições dos serviços técnicos...

MA — Sim, aqui o que nós atribuímos como valores essenciais a preservar é o interesse colectivo sobreposto ao particular, atendendo ao particular na medida em que ele não colida com o colectivo. Entre um e outro existe em certos pontos uma barreira e aí procuramos ser, de facto intransigentes, mas nem sempre nos aguentamos perante coacções externas.

Um exemplo concreto, a zona do liceu, por hipótese: a população ali vai crescer e vai precisar de um centro de interesse, qualquer coisa colectiva que fosse agregar as pessoas. É evidente que se a Câmara expropriasse esses terrenos para assegurar a execução desse equipamento colectivo, nós não tínhamos problemas. Mas o que acontece é o seguinte: é que a pessoa que tem o terreno só pensa em duas coisas, ou vendê-lo com uma valorização fictícia através de um prédio qualquer que indicou num desenho, ou construir mesmo qualquer coisa. E quando nós dizemos que esse espaço é reservado à criação de um centro social as pessoas têm dificuldade em atender a isto. Além

las, de forma a atender sobretudo o pequeno industrial, já que com as pequenas indústrias se põe o problema de conjugar cada edifício com o edifício que vai ficar ao lado. Simplesmente, há necessidade que a administração pugne pela aquisição dos terrenos, não só para facilitar o ordenamento do território, mas até para criar postos de trabalho. É que eu suponho que se a Câmara dispusesse dos terrenos e os anunciasse, canalizava muita coisa para cá. Se houver uma Câmara que, em vez de dizer ao industrial, como quase todas dizem, «o senhor constrói onde quiser» (para mais o atrair), abra os arruamentos, faça as infra-estruturas, água e saneamento e anuncie os terrenos, cobrando o preço justo pela sua venda, há-de verificar-se um incremento. Mas isto que parece simples é extremamente complicado de pôr na prática. Aliás, o problema não é só aqui, é um fenómeno global. Neste caso de Espinho, o plano define concretamente duas reservas para zonas industriais. Logo que isto foi definido devia ter-se feito a declaração de utilidade pública e expropriação desses terrenos. Mas mal se conseguiu arrancar com uma zona. Quer dizer há sempre um problema de solos à partida.

MV — Parece pois que a questão dos solos levanta uma série de problemas que acabam por ser até de nível político, e isso tem dificultado a aquisição de terrenos, e, por reflexo imediato, o papel da Repartição Técnica.

MA — Entretanto, é verdade que as Câmaras dispõem de legislação para actuar. Mas essa legislação não é normalmente aplicada.

PODE-SE CONSTRUIR, OU NÃO?

MV — Por outro lado, ouvem-se queixas de pessoas que argumentam que não podem construir conforme desejariam. Umas vezes por ignorância das razões de ordenamento urbanístico, de equilíbrio ecológico até, outras por interesses mais de carácter pessoal. Até que ponto é correcto afirmar que quase não se pode construir em Espinho?

MA — A propósito disso convém fazer notar certo número de ideias fundamentais. Quanto a nós, neste problema do ordenamento global do território o interesse colectivo tem que predominar. É evidente que no meio disto tudo há o sujeito que tem o seu terreno numa zona reservada para parque, ou junto a uma linha de água, ou em cima duma futura estrada e sente-se prejudicado por não poder construir. Isto é normal. Aqui se dá o choque entre o interesse colectivo e o interesse privado.

Por outro lado há uma preocupação de não construir em solos potencialmente agrícolas. Essa preocupação veio até a ser concretizada num decreto de 1975, em que é proibido construir em solos da classe A. E aqui devo dizer que, ao que julgo saber, esses terrenos no nosso país não ultrapassam os 10% do total das terras. E já que somos um país pobre em solos dessa categoria, cada estrada ou casa construída nesses solos é uma pancada numa superfície a preservar a todo o transe. Porque, afinal, nós vivemos da agricultura e dos montes a gente não tira nada. Mas explicar isto a quem pensa que «embirrar» com o seu bocadinho de terreno é uma questão de má-vontade.

(Continua na pág. 7)



disso, vai uma Câmara e vem outra, umas são mais condescendentes, outras menos, de maneira que nos é muito difícil garantir que chegaremos ao fim preservando o interesse colectivo sobre o particular.

ZONAS INDUSTRIAIS

Mas há aspectos doutra natureza que são, por exemplo, as zonas industriais. Quando o plano foi feito marcaram-se zonas a sul de Espinho, pois os ventos dominantes são do norte e, admitindo que em Espinho esta zona tem vocação industrial, o raciocínio foi este: há necessidade de uma zona industrial que, eventualmente, a Câmara venha a expropriar para que, dando-se o caso de um sujeito querer construir uma fábrica, haja um terreno destinado especificamente para esse fim, e não se verifique a construção de fábricas em terrenos propícios quer à agricultura, quer à habitação. Houve uma altura em que a Câmara dispunha de alguns terrenos para esse fim, mas desapareceram pois eram muito poucos.

Depois fez-se um plano mais aprofundado dividindo-se esses terrenos em parce-

educação e, com certeza, as pessoas em geral, têm neste momento, e cada vez mais, dúvidas acerca do que o próximo ano lectivo trará aos seus filhos, quais as condições em que trabalharão. Por isso, e numa tentativa de clarificar um pouco a situação, contactámos elementos da Gestão da Escola Técnica e do Liceu. Aqui deixamos um retrato da situação actual.

O próximo ano lectivo será...

«Maré Viva» publicou, alguns números atrás, um breve balanço do que foi o ano escolar no ensino secundário e no primário, nas escolas da cidade. Hoje, retomamos o tema, sempre importante, da situação do ensino, mas de um outro ponto. Não já um balanço do que se fez, mas um ponto da situação actual, numa altura em que as escolas ficam praticamente fechadas. Sabemos que muitos pais e encarregados de

«O próximo ano lectivo será considerado ano de recuperação, pelo que deverão organizar-se os conteúdos programáticos do presente ano lectivo e do próximo em função das noções nucleares dos dois anos (5.º e 7.º), sobretudo naquelas disciplinas em que os alunos tiverem escolaridade deficiente». Isto se dizia num despacho do MEIC datado de 18.5.76, o que parecia apontar para uma definição das vias a seguir pelas escolas no ano de 76-77. Em que medida se terá alguma coisa desenvolvido?

CURSOS INTENSIVOS

Tanto no Liceu como na Escola a frequência foi menor do que as inscrições pareciam indicar. Funcionaram durante duas semanas, para vá-

rios anos e disciplinas. Pensa-se que funcionarão em Setembro durante mais duas semanas, continuando as inscrições ainda abertas. Conforme aponta uma circular, as ideias de recuperação que presidem a estes cursos continuarão durante o ano lectivo, pois os alunos, além do seu horário normal terão horas de recuperação.

EXAMES DE SEGUNDA ÉPOCA

Segundo informações não oficiais, no Liceu começariam a 13 de Setembro. Certo é que não foi ainda recebido qualquer calendário. Entretanto os programas serão os mesmos. Os alunos que não fizeram exame em

(Continua na página 7)

PISCINA SOLÁRIO ATLÂNTICO DE ESPINHO

Sofre de Espandilose, doença popularmente conhecida por «Bicos de Papagaio»?

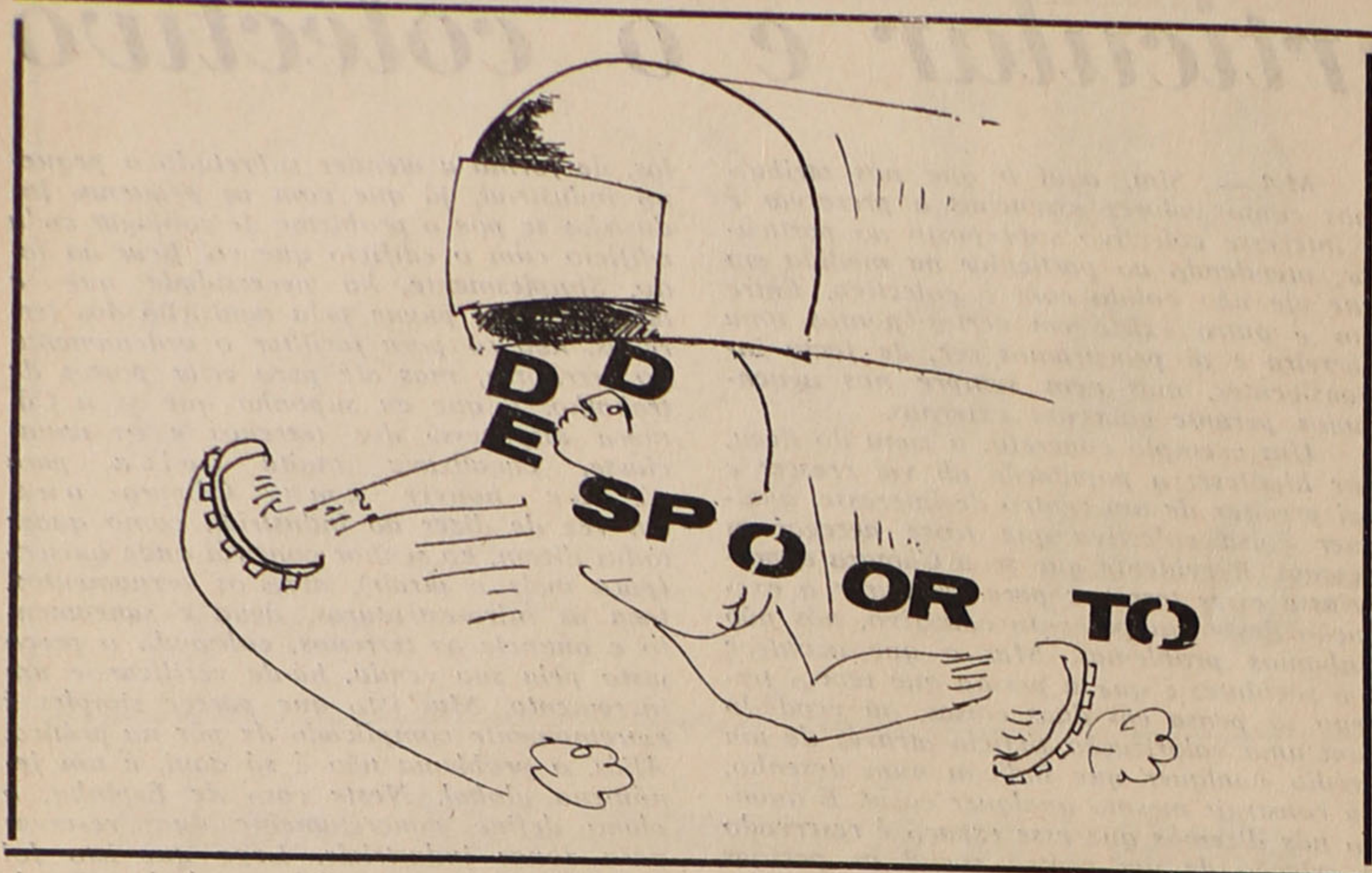
Sofre de Artrose?

Padece de Reumatismo crónico?

Tem necessidade de fazer curas de relaxamento?

Em caso afirmativo aconselhamos a experimentar os «BANHOS QUENTES DE ÁGUA DO MAR» na Piscina de Espinho, onde será bem acolhido e disfrutará de vigilância médica assegurada, gratuitamente, pelo Centro de Saúde de Espinho.

Faça o seu tratamento gozando o ambiente acolhedor de Espinho, RAINHA DA COSTA VERDE — ZONA DE TURISMO DE 1.ª CLASSE.



JOGOS OLÍMPICOS

Terminaram os Jogos Olímpicos. Como tal, julgamos ter interesse fazer um balanço do que se passou e muito principalmente do comportamento da representação portuguesa.

O primeiro aspecto saliente destes jogos foi a não participação da maior parte dos países africanos por motivos amplamente conhecidos, o que empobreceu grandemente as competições nas modalidades em que participariam, já que é de todos conhecida a categoria de muitos atletas africanos.

Outro aspecto que não passará despercebido aos olhos dos observadores são as 90 medalhas conseguidas pela R.D.A., um país com pouco mais de 16 milhões de habitantes, em comparação com as 125 da U.R.S.S. e 94 dos E.U.A., qualquer deles com mais de 200 milhões de habitantes, sem falar noutros países que ficaram bem para trás da «pequena» R.D.A., como, por exemplo, a Alemanha Federal.

Sobre o comportamento dos portugueses, temos que considerar que foi brilhante, mas não podemos alimentar ilusões, porquanto muito ainda terá de se fazer para que os resultados obtidos reflitam uma imagem correcta do nosso desporto, muito embora as entidades responsáveis (ver entrevista com Melo de Carvalho) estejam a fazer um sério esforço para melhorar tal imagem. As medalhas de Armando Marques e Carlos Lopes terão que servir de estímulo para que se realize um trabalho mais profundo no campo do desporto, e não para embandeirar em arco e continuar tudo na mesma. Sem se pensar o desporto a sério, criando uma base sócio-económica que possibilite a sua prática a toda a população, todos os bons resultados obtidos serão pouco mais do que fruto do acaso, e não, como será de desejar, dum trabalho feito em profundidade e com todas as condições para que possa ser efectivado.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE ESMOJÃES

Fundada por volta de 1950, optou primeiramente pelo nome de Estrelas Futebol Clube.

Em 1975, aparecem com a designação Resineira F. C. de Esmojães, até Abril do corrente ano. Com o aparecimento de vários jovens, interessados em «remar» por novos rumos, estes mudam novamente o nome para Associação Desportiva de Esmojães. Clube popular, como tantos outros que existem nas redondezas desta cidade, apenas se dedicam à prática do futebol. Vários jogos têm realizado, na variante de onze, embora também tenham participado em vários torneios de futebol de salão. Mas para melhor nos falar sobre a actividade deste clube popular, «Maré Viva» foi ouvir o seu presidente Carlos Granja, jovem dinâmico, cheio de vontade de levar a «nau» ao bom caminho.

MV — Quais as instalações de que dispõem?

CG — Para já não temos.

MV — Então, onde realizam os vossos jogos?

CG — Temos utilizado os campos dos clubes que nos solicitam. No entanto, já fizemos um pedido à Junta e à Câmara, para a cedência de um terreno, para fazermos um campo de futebol e rínque para a prática de diversas modalidades e ainda uma pista de atletismo. Mas até ao momento os responsáveis não nos deram resposta.

MV — Têm sido muito solicitados para deslocarem a vossa equipa de futebol?

CG — São imensos os pedidos, de Amarante, Coimbra, Lisboa (equipa de

Estudantes), Castelo de Paiva, etc. Infelizmente, não nos tem sido possível aceitar a todos os convites, pois não temos campo para os nossos adversários retribuírem a visita.

MV — Quem pode praticar no vosso clube?

CG — Todos os interessados, sejam eles engenheiros ou operários, pois não temos distinções sociais dentro do clube.

MV — No aspecto financeiro, recebem subsídios?

CG — Não temos subsídios, nem sócios. Os próprios atletas pagam uma quota mensal. Também recorremos a rifas, e a tómbola que fazemos na festa dos jogos. Além disso, queria acrescentar que as deslocações são suportadas pelos atletas.

MV — Quais as vossas aspirações para já?

CG — Temos um campo e um rínque, onde a juventude (e não só) de Esmojães, possa praticar desporto, pois ele é um direito do Povo. E aproveito esta oportunidade que «Maré Viva» me deu, para apelar para a Junta e Câmara, que nos cedam o terreno, pois o mesmo é do Povo e o povo de Esmojães quer praticar desporto. Estamos convencidos que o nosso pedido não foi esquecido, mas o certo é que o tempo vai passando.

Tal como muitos clubes populares, comissões e outras associações desportivas, o problema destes jovens é a falta de instalações apropriadas para a prática do Desporto.

Até quando?

Presença da A. A. E. no ENJUPA

II ENCONTRO NACIONAL DA JUVENTUDE DE PATINAGEM

Na cidade de Tomar, no Pavilhão Municipal, teve lugar este ano o ENJUPA 76.

Estivemos presentes a acompanhar a representação da AAE e francamente, não gostámos.

Desde a falta de comunicação aos clubes de todo o programa a realizar, passando pela falta de comité de recepção às diversas delegações a fim de que estas soubessem onde seriam instaladas, falta de cumprimento nos horários, falta de balneários para que os atletas se pudessem equipar, tudo isto acumulado até à incompetência pela organização da F.P.P., tudo esteve presente.

Diremos mais, que aliado a tudo isto, houve sim um alheamento às mais elementares regras da lealdade para com o adversário que foi ao ponto da não apresentação dos cartões federativos (cremos que para além da AAE e do Sport Alenquer e Benfica, no escalão de Infantis não foram exibidos pelos restantes clubes as respectivas licenças) a dar azo a possíveis inclusões de jogadores com idade su-

perior à categoria em questão, tudo foi possível.

Seria mais que lógico descobrir que num possível círculo, todo aquele que corria por dentro ganharia vantagem, já que, de uma forma anacrónica todos corriam no mesmo sentido, dando lugar a empurrões, a quase placagens, etc. Mas os dirigentes da F.P.P. não se mostraram interessados em resolver esta situação.

Pela AAE correu o atleta-iniciado José Silva, que venceu a sua série, mas foi relegado para 2.º na classificação geral, por dois décimos, por ter corrido por fora em relação ao vencedor.

Na categoria de Juvenis, concorreu Artur Rocha, que embora de início estivesse bem colocado (por dentro), após a partida em falso por parte dos outros concorrentes, se viu colocado após 2.ª partida, para o lado oposto àquele em que corria de início. Gerou-se burburinho e as provas não tiveram continuidade.

É certo que dentro dos clubes, se deve fazer escola, não só a nível de jogadores como de dirigentes!

Qual deve ser pois o papel dos Senhores Federativos? É deles que deve haver o maior quinhão de responsabilidade na organização de provas a nível de classes que consideramos de Escola.

Mas pareceu-nos, isso sim, que estes Senhores (de boas intenções, cremos) não «passam cartão» aos clubes. Estes, são seus lacaios. Está errado!

No jogo, que julgamos ser o de fundo, defrontaram-se os Campeões Regionais do Norte (AAE) e Sul (Sport Alenquer e Benfica) na categoria de Infantis.

Prélio de nível muito aceitável, já que cedo se anteviram dificuldades para ambas as equipas. Mais técnicos, os académicos, acercavam-se da baliza contrária com mais facilidade e não foi com surpresa que chegaram ao 1-0 e 2-0. Contudo, frize-se que os «benfiquistas» do Alenquer não renunciaram à luta e por algumas vezes tiveram jogadas bem delineadas rotuladas de muito perigo. Equipa consciente daquilo que vale, reduziram o resultado para 2-1, não sem que os

académicos por intermédio de Victor Hugo, depois de ludibriar defesa e guarda-redes (2 vezes) fizesse o mais difícil que foi falhar a baliza deserta.

Se bem que o maior pendor ofensivo tivesse pertencido sempre à AAE, seria o seu adversário a conseguir a igualdade a 5 segundos do fim.

Cremos que o nível de hóquei praticado pelas duas equipas foi reconhecido pelo pouco público presente no Pavilhão de Tomar, ao premiar com os seus aplausos o final do encontro.

Não queremos deixar de frisar o facto de esta equipa do Sport Alenquer e Benfica, ter disputado no seu campeonato, 36 jogos, sofrendo 1 derrota e dois empates.

Para finalizar, aconselhamos, a bem da modalidade, que a F. P. P. repense o próximo ENJUPA.

★

Formação da Académica e marcadores: Victor Gil, Salvador, Sousa (1), Victor Hugo (1), Gabriel, Paulo, Sá e Edgar.

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO
À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos
e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

o próximo ano lectivo será...

(Continuação)

Julho e pertencem ao tal Escalão C (com menos de 8 semanas de aulas numa dada disciplina) farão o seu exame sobre a matéria dada nos cursos intensivos, mais a matéria dos anos anteriores.

COLOCAÇÃO DOS PROFESSORES

Entretanto, se é verdade que os problemas abundaram no ano passado, muitos pensam que um dos problemas mais graves foi o que afectou a colocação de professores, a ponto de muitas turmas terem tido alguns professores já no fim do ano. É uma das grandes interrogações para o próximo ano: serão os professores colocados a tempo? As informações, muito escassas, que obtivemos não permitem ter grandes ilusões. Para já a situação é que nem sequer os professores que concorreram ao concurso de efectivos foram nomeados, o que significa que a colocação dos professores de outras categorias estará ainda mais atrasada. A partir daqui entra-se no domínio do «consta-se», onde se ouve dizer que as aulas começariam apenas em Janeiro (sendo aproveitado o adiamento para reestruturar e reciclar), ou que os professores continuarão colocados nas escolas onde estiveram no ano passado. Para já, poucas garantias sobre o que poderá vir a suceder.

CURSO UNIFICADO

O Unificado foi, ao longo do ano que passou, fonte constante de discussões, de ataques destrutivos e de defesas pouco mais que bem intencionadas, face ao descalabro da organização central. No próximo ano, promete continuar a ser assunto de grandes, e por vezes ardentes, polémicas. Mas o que é interessante é que quase todos defendem a necessidade desse tipo de ensino, só que as opiniões divergem quanto aos objectivos e meios de acção. O mínimo que se pode esperar é que os novos horários sejam elaborados tendo em conta a experiência do ano transacto. Com o 7.º e o novo 8.º ano a funcionarem os problemas redobram. Tanto na Escola como no Liceu pensa-se que a partir de Setembro haverá grupos de professores que tenham a seu cargo o lançamento das actividades do Unificado, desde o estudo dos programas até aos contactos com pais, encarregados de educação e população em geral, numa tenta-

tiva de lhes fazer compreender o salto qualitativo que o ensino pode dar com o funcionamento efectivo do novo curso Unificado.

Quanto a novos programas nada é conhecido ainda. Fora do Unificado, e no Liceu, aponta-se a chegada de projectos de programas para os vários anos de Matemática e Físico-Químicas. Pelos jornais, sabe-se também que o programa do 2.º ano de Introdução à Política será revisto.

INSTALAÇÕES E MATERIAL

Entretanto, as matrículas estão já feitas, faltando apenas as inscrições dos alunos que se submeterão a exame na época de Setembro. Na Escola Técnica, os números deste ano são sensivelmente iguais aos do ano transacto. Já no Liceu nota-se um aumento sensível, estando matriculados quase 2.000 alunos (só no 1.º Ano Unificado haverá necessidade de formar 28 turmas de 35 alunos, o que dá um total de 980 alunos).

E quanto a instalações para esta gente toda? Na Escola pensa-se adaptar um pouco as instalações às necessidades, fazendo algumas pequenas modificações. O material de que dispõem, com boa-vontade, deverá chegar para as necessidades, dentro da pobreza média a que estamos habituados. O Liceu, acabado de construir, começa já a levantar alguns problemas quanto a instalações, forçando o aparecimento de turmas muito grandes e dificultando a organização dos horários. O equipamento, com o necessário material, é que continua muito deficiente, e não há indicações de que o panorama se venha a modificar sensivelmente. Os laboratórios continuam a ser mal aproveitados por falta dos necessários materiais para os trabalhos e, em geral, todas as disciplinas têm falta de material didáctico.

GESTÃO

Ao longo de todo o ano muito se falou da questão da chamada gestão democrática. Ultimamente soaram cada vez mais fortes as ameaças de extinção das Comissões de Gestão e sua substituição por um Gestor. Quer o Liceu, quer a Escola Técnica, têm sido dirigidos por Comissões. No caso da Escola não nos falaram em alterações previstas. Quanto ao Liceu, sabe-se que há já autorização para se fazerem novas eleições para a Comissão de Gestão, com a possibilidade da integração de alunos. Os actuais elementos da Gestão esperam apenas que esteja minimamente definido o corpo docente do próximo ano para avançarem para as eleições.

URBANISMO

(Continuação)

é muito difícil. Esta é uma luta extremamente difícil e em todas as Câmaras.

P.C. — Muitos desses terrenos, muito embora estejam contíguos à zona urbana, são zonas em que só se deve construir numa última fase do desenvolvimento urbano porque até aí estão a cumprir a sua missão efectiva.

MA — Sim, talvez se tenha que vir a avançar sobre alguns desses terrenos. Mas na fase em que ainda estamos temos espaço para centenas de fogos nas zonas de expansão da cidade. Aliás o Fundo de Fomento da Habitação deve levar a concurso em breve a construção de cerca de 300 fogos. E só na zona do liceu será possível construir para instalar cerca de 1700 pessoas. E na zona da ponte de Anta passa-se algo de semelhante.

Estamos certos de que as questões levantadas ao longo da entrevista com o arquitecto Marques de Aguiar interessarão a muitos dos nossos leitores. É nossa intenção continuar a tratar o assunto, publicando no próximo número a segunda parte da entrevista, mas desde já fica o convite a quem se quiser pronunciar para nos escrever ou nos contactar a fim de darmos expressão às suas opiniões. O ponto de vista oficial precisa de ser comparado com outras opiniões para que a visão do assunto seja o mais aberta possível.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 11, 4.ª-feira — **BALBÚRDIA NO OESTE** — M/13 anos.

Seja ou não «tolinho» por filmes de «cow-boys», não perca a oportunidade de se divertir um bocado e de ver o que a generalidade dos produtos deste género não têm: qualidade.

Dia 12, 5.ª-feira — **MINHA MULHER É DOIDA** — M/18 anos.

«Dia para dia o freguês mais pia... mas vai indo no logro e pagando o dobro!» (da propaganda).

Dia 13, 6.ª-feira, às 15,30 h. — **OESTE BRAVIO** — M/6 anos.

A incógnita de mais um filme para todos.

Dia 13, 6.ª-feira, às 21,30 h. — **BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PRETENDE CAVALHEIRO** — M/18 anos.

Uma adivinha: qual é o defeito qual é ele, que torna estes filmes tão atraentes?

Dia 14, sábado — **O CASO ODESSA** — M/18 anos.

Mais um policial que não traz nada de novo, antes pelo contrário, é um retrocesso.

Dia 15, domingo — **JEREMY - O PRIMEIRO AMOR** — M/13 anos.

Traz a marca do Festival de Cannes (Palma de Prata), mas isto de festivais anda um bocado por baixo, no entanto é uma indicação a ter em conta, quanto mais não seja para ver como é.

Dia 16, 2.ª-feira — **VEREDICTO** — M/18 anos.

André Cayatte realizou, «Maré Viva» pensa que valerá a pena arriscar uma ida à sala escura.

Dia 17, 3.ª-feira, às 15,30 h. — **UM PEQUENO TRINITY DE BOTAS ALTAS** — M/6 anos.

Desenhos animados para a pequenada e que muitos adultos gostariam também de ver, se estivessem em férias. Porque não passar os filmes de desenhos animados também à noite?

Dia 17, 3.ª-feira, às 21,30 h. — **CASAMENTO DE PADRE** — M/18 anos.

Será que a exibição deste filme, mais uma vez, se deve aos inúmeros pedidos feitos nesse sentido pelo estimado público?

CASINO

Dia 11, 4.ª-feira — **CHAMAVAM-LHE AMEN** — M/18 anos.

Alegre-se com esta «vitamina C de gargalhada» (da propaganda), mas pelo sim e pelo não, a responsabilidade da escolha é sua.

Dia 12, 5.ª-feira — **UM SEGREDO INQUIETANTE** — M/13 anos.

Não é caso para se inquietar muito, se não puder ir hoje ao cinema!

Dia 13, 6.ª-feira — **UM DETECTIVE SEM IMPORTÂNCIA** — M/18 anos.

É mais um filme sem importância?

Dias 14 e 15, sáb. e dom. — **MILY** — M/13 anos.

Dois dias uma mesma história de amor e um realizador que tem um nome esquisitíssimo — HRISHIKESH MUKHERJEE. Quem conhece?

Dia 16, 2.ª-feira — **COMO CAÇAR UM MARIDO** — M/18 anos.

Não deixe que lhe cacem o seu dinheiro.

PARAMOS

Dias 13 e 14, sábado e domingo — **OS DEZ MANDAMENTOS**

A generalidade das superproduções (de que estes 10 Mandamentos são um exemplo) pretendendo reconstruir a História mais não fazem do que deturpá-la e apresentá-la de um modo bastante ingénuo.

No entanto esta ingenuidade muitas vezes faz com que o espectador olhe, incrédulo, todas aquelas movimentações que se pretendem o mais reais possível, sem o conseguirem.

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

Pinturarte

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeeiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos,
— etc. —

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística

Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

D. Afonso Henriques

Na minha rua, alguns metros abaixo donde eu morava, havia uma casa que me seduzia mais do que tudo. Era grande. Assim do tamanho de um prédio para 32 famílias. Era a casa do «Afonso Henriques» com um grande jardim na frente cercado de um murinho cheio de arrebiques próprios para encaixilhar a basbaquice dos miúdos da rua.

Alguns encarrapitavam-se mesmo nele para verem melhor os gordos peixinhos vermelhos do lago ou os não menos gordos e bem tratados meninos, metidos num balancé quase do tamanho de uma bateira.

A mim, impressionava-me aquela escada torcida tão parecida com o feijoeiro mágico que trepava ao alto monte onde habitava um gigante. E aquele telhado, sem telhas, cheio de caixas envidraçadas era, no meu ver, o sítio próprio para magos viverem. Depois, a intriga fazia em mim combinações com o espanto até à baba, quando via aquelas senhoras — tão brancas a beber chá em mesas brancas, cobertas de brancas rendas de pontas até ao chão — tão lindas!

Quando um dia, na Escola, falavam no primeiro rei de Portugal, do meu lado não restavam dúvidas. Eu conhecia-o!

«Feirinha Popular»

que espectáculos de variedades?

Na sequência da iniciativa tomada no ano passado pela Comissão de Festas, este Verão continuamos a ter aquilo que se chama «Feira Popular». Agora em recinto diferente, apenas funcionando aos fins-de-semana, com a habitual barraca de comes e bebes, onde são indispensáveis o caldo verde, a sardinha e a cerveja e espectáculos de variedades.

Não será sobre a organização em si que nos vamos debruçar, reservando-nos para uma próxima oportunidade quando dum já planeada conversa com a Comissão de Festas. Não será, claro, sobre o que lá se come e se bebe, pois não estamos interessados em dissertar sobre questões gastronómicas. Falaremos hoje, por exclusão de partes, sobre os tais espectáculos de variedades.

Por todos os cantos do País, nos arraiais, nas romarias, constitui prato forte este género de espectáculos. As populações, de veste domingueira, vão tentar deitar para trás das costas as preocupações dum trabalho duro no campo ou na fábrica, perante o desfilar das anunciadas vedetas nacionais. Meia dúzia de vezes esganiçadas, nomes desconhecidos, preparam terreno para a apresentação da «vedeta da noite». Sim, porque todas as noites existe sempre um nome sonante «à frente de numeroso elenco». Vedetas estas que passam de António Mourão a Florbela Queirós, de António Mafra e Fernando Lito a

«o sr. Feliz e o sr. Contente», isto é, nomes mais conhecidos dum tipo de espectáculos que ainda persistem neste país.

Não poderemos negar que tais manifestações ainda atraem muitas pessoas, vindas das camadas populares, porque o sr. dr. Fulano ou o sr. Beltrano não se dignam a frequentar tais ambientes, ainda que vejam os mesmos artistas na «boite» que frequentam. Não podemos, por isso, negar o carácter que manifestações como a «Feirinha» revestem, carácter de convívio despido, dentro do que é possível, das formalidades que inundam esta nossa sociedade. Mas, daí a darmos o nosso aval aos espectáculos a que assistimos, vai uma grande distância.

Começando num apresentador intragável, que usa e abusa de gestos e piadas que provocam tudo menos o riso dos espectadores, denunciando uma incrível falta de imaginação e de respeito, pois dá a impressão que entende o riso como aproveitamento da estupidez, da pornografia barata e não como utilização da inteligência. Daí que este apre-

sentador, desencantado não se sabe onde, perde a maior parte das vezes a oportunidade de estar quieto e calado. Incrível aberração da arte de representar, exemplo típico do maquinismo que ultrapassa os actores, as músicas, as canções e que se resume na comercialização, no puro jogo de ganhar o mais possível, na característica fundamental da nossa sociedade.

Depois passamos para um conjunto de raparigas e rapazes, pretendentes a cantores, eles de elegantes casacos, aspirantes a sedutores das multidões, elas de cabelos platinados, olhar sensual, berrando espanholadas, composições do mais baixo nível, quer na música, quer na letra. E, finalmente as estrelas, aureoladas de certa fama, com algumas qualidades, mas peças de engrenagem que transforma a cultura em mais um produto digno de render lucros, comparável a detergentes, marcas de cerveja ou pastas dentríficas.

Daí, que perguntemos que espectáculo de variedades merece uma «Feirinha» que se apela de popular? Que cultura precisamos?

Um livro bom um livro barato

Título: «DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO»

Autor: JOHN REED

Preço — 45\$00

O número 131 da colecção «Livros de Bolso Europa-América» é a obra «Dez dias que abalaram o Mundo» de John Reed, um americano que soube, numa maneira viva, objectiva e imparcial, descrever, como testemunha ocular, a revolução de Outubro, que instaurou na Rússia o poder soviético.

No prefácio feito à edição norte-americana, Lenine diz de «Dez dias que abalaram o mundo»: «...Do fundo do coração, aconselho a sua leitura aos operários de todos os países. Desejaria que esse livro circulasse por milhões de exemplares e fosse traduzido para todas as línguas, porque traça um quadro exacto e extraordinariamente vivo de acontecimentos da maior importância para o conhecimento da revolução proletária...» E mais adiante, conclui Lenine: «...O livro de John Reed ajudará, sem dúvida, a fazer luz sobre este problema do movimento operário universal».

O livro é, efectivamente, importante, ontem como hoje. Através da leitura das suas páginas, escritas numa linguagem clara, sem ser rebuscada, e viva, vamos assistindo

como num «écran», ao desfilar das imagens mais palpitantes e recheadas de significado, da Revolução de 1917. A preparação, efectivação e consumação da Revolução Proletária Russa são minuciosamente analisadas e descritas por John Reed, sob uma forma desapassionada e recta. Ele próprio o diz, no prefácio à edição norte-americana, de 1919:

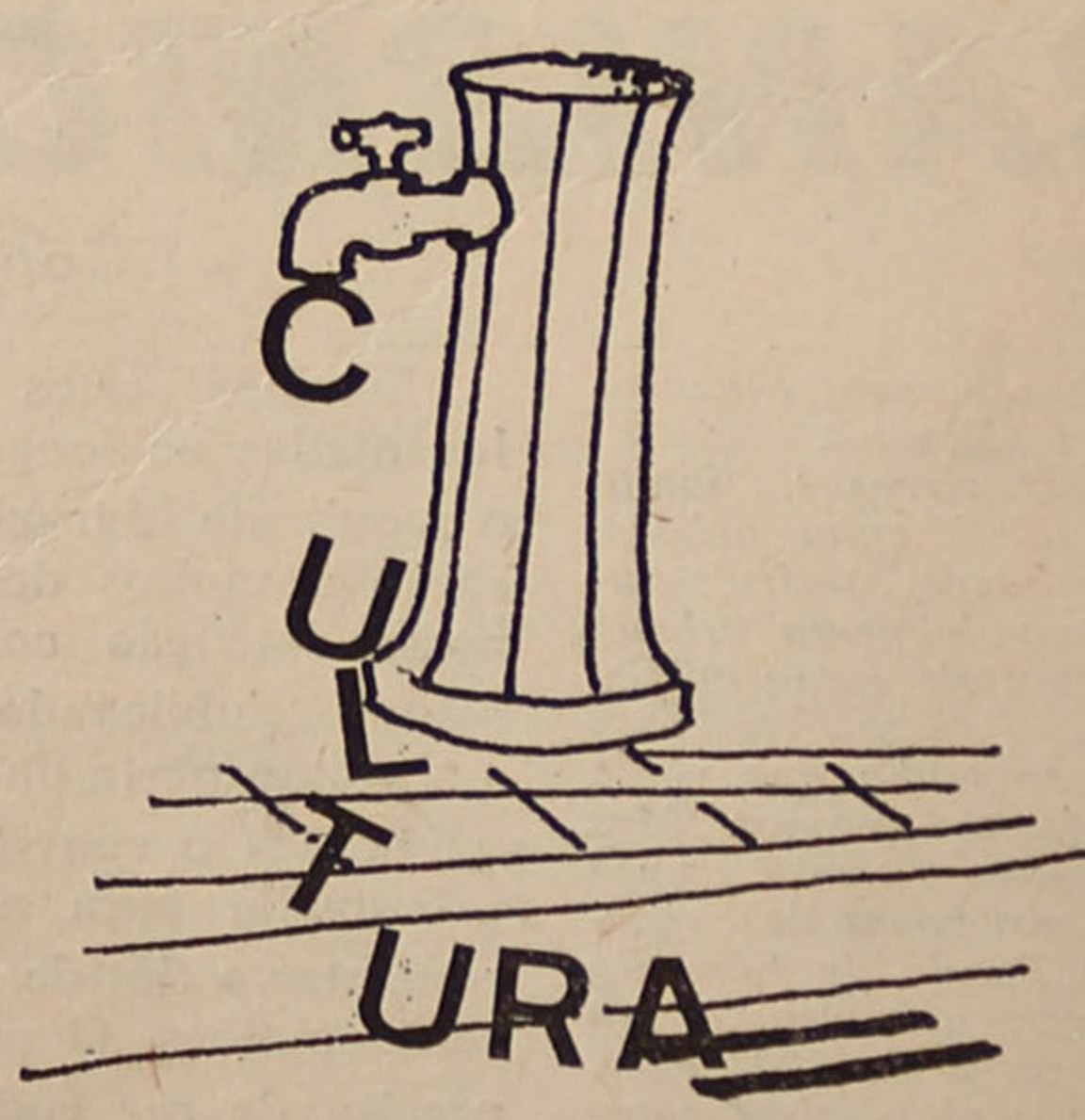
«... Seja o que for que se pense do bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa é um dos maiores acontecimentos da História Humana e o surgimento dos bolcheviques um fenómeno de importância mundial... Foi com isto em vista que escrevi este livro. Na luta, as minhas simpatias não ficaram neutrais. Mas, ao narrar a história daqueles dias grandiosos, tentei ver os acontecimentos com os olhos de um repórter consciencioso, interessado em registar a verdade».

Nesta altura em que no nosso país as forças reaccionárias estão apostadas na «conquista do livro», «Dez dias que abalaram o Mundo» é uma obra que, vivamente, recomendamos. O seu preço (45\$00) é também outro argumento a aboná-lo. É, pois, um livro bom e barato.

O melhor amigo do homem

- Quantos cafés tem Espinho?
 - 7.486
 - 7.487
 - 7.485
 - alguns
 - não frequente (ah! ah! ah!)
- Que faz no café?
 - leio o jornal
 - pouca coisa
 - quase nada
 - nada
 - não frequente (ah! ah! ah!)
- Que quer ser quando for grande?
 - dono de café
 - empregado de café
 - frequentador de café
 - sem profissão
 - bombeiro
- Onde costuma passar o seu tempo livre?
 - no café
 - não tenho tempo livre (ah! ah! ah!)
- Qual o seu petisco preferido?
 - leite
 - chá
 - torradas
 - sou abstémio
 - café
- Gosta de ir ao café?
 - não
 - prefiro não responder.

(facultativo)
 Nome:
 Idade que aparenta:
 Café onde reside:



INSCREVE-TE NA «NASCENTE»